

“Do gramado ao teclado – novas formas de sociabilidade, novas formas de torcer”*

Lara Stahlberg - Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS

Este é um trabalho que nasceu de uma necessidade. Meu objeto de pesquisa, desde a graduação em Ciências Sociais e que vem se estendendo até meu mestrado eram as torcedoras de futebol. Durante o curso da pesquisa, deparei-me com a dificuldade que advém da dispersão do objeto. Nesse sentido, dada a dificuldade de aproximação direta com as fontes a partir simplesmente da frequência aos estádios, além de acompanhar os jogos, uma de minhas metas foi conviver e acompanhar as torcedoras via através da Internet, mais precisamente do *Orkut*, para compreender este universo e encontrar alguns dos informantes com os quais realizei entrevistas.

Foi uma opção que fiz ao perceber o crescente número de torcedores – homens e mulheres – que citavam a importância da Internet como sociabilidades de jovens de diversas maneiras, notadamente a construção de fóruns de discussão para tratar especificamente da temática do futebol. Optei pelo uso concomitante de dois meios de comunicação virtual, quais sejam, o *Orkut* e o *MSN*, devido ao fato de ser conveniente ter em mente que os grupos que se formam no Ciberespaço não necessariamente utilizam apenas uma plataforma de sociabilidade, mas criam seus espaços de sociabilidade pela conjunção de diferentes plataformas, de acordo com o contexto (GUIMARÃES Jr., 1999); além do mais, é de bom alvitre levar em consideração o fato de a importância do *Orkut* como forma de sociabilidade ter sido apontada como fundamental pelas próprias entrevistadas.

Pelo fato de os homens ainda olharem com desconfiança a participação feminina no esporte, as torcedoras tiveram que se afirmar como tal para conquistarem espaço; então o ciberespaço ganhou muita força como ponto de encontro de mulheres de todos os cantos do país como um modo talvez um pouco mais livre para se expressarem, o que o tornou popular *locus* de discussão feminina sobre o esporte.

Apesar de muito recente, a importância do ciberespaço e das Comunicações Mediadas por Computador (CMC) como constituintes de nova sociabilidade tem sido ponto de atenção das Ciências Sociais como um todo, e a Antropologia não é exceção.

Ciberespaço é aqui entendido como “um *Locus* virtual criado pela conjunção de diferentes tecnologias de telecomunicações e telemática, ou seja, um espaço criado pelas comunicações mediadas por computador” (GUIMARÃES Jr., 1999). O autor aponta que a emergência desse novo *locus* significa uma nova forma de se fazer Antropologia:

“Assim, considerando um tipo específico de tarefa antropológica, a saber, a identificação e "tradução" de culturas locais, é conveniente ter em mente que os grupos que se formam no Ciberespaço não utilizam necessariamente apenas uma plataforma de sociabilidade, mas sim que criam seus espaços de sociabilidade pela conjunção de diferentes plataformas, de acordo com o contexto” (GUIMARÃES Jr., 1999).

Essa confluência de meios de comunicação pressupõe a diferenciação de dois aspectos dessa nova forma de relacionamento, que o autor (*op.cit.*) denomina plataformas e ambientes de sociabilidade virtual. Por plataforma ele entende os elementos de *software* ou programas que sustentam a comunicação, enquanto os ambientes são constituídos a partir dessas plataformas.

É o caso do *Orkut* e do *Facebook*, entendidos como formas de comunicação virtual “assíncronica” – que não depende da presença dos interlocutores ao contrário do que ocorre com os *chats*, nos quais a comunicação ocorre em tempo real (MÁXIMO, 2000: 04). Além disso, não raro as pessoas que se comunicam por meio do *Orkut* também mantêm contato através do programa *Windows Live Messenger*¹. Entretanto, o que se percebe é que essas redes de amizade que surgem em algumas comunidades são formadas entre os membros mais assíduos das comunidades – aqueles que propõem tópicos para discussão, causam “polêmicas”, e o fazem com alguma frequência. Em muitos casos, é possível perceber que os membros “postavam”², ou seja, comunicavam-se todos os dias, e alguns reclamam da ausência deste ou daquele membro, ou manifesta alívio quando certa pessoa não escreve há algum tempo.

Ao estudar as listas de discussão por *e-mail*, modalidade também assíncronica e que opera de maneira bastante semelhante ao *Orkut*, Máximo aponta para a

¹ Essa característica de múltiplas plataformas que me possibilitou entrar em contato com muitas das minhas entrevistadas – através do *Orkut* – e, posteriormente, realizar entrevistas em profundidade através do *Messenger*.

² “Postar”, no *Orkut*, significa deixar uma mensagem no fórum de discussão.

0124 - Lara Stahlberg

existência de alguns tipos nos quais se enquadram os freqüentadores destas formas de CMC. Geralmente, as mensagens são enviadas por estes pequenos grupos de participantes mais assíduos, mas há também aqueles usuários classificados como “ouvintes”, ou seja, os que apenas assistem às discussões e raramente enviam alguma mensagem ou emitem alguma opinião. Um terceiro grupo seria formado por daqueles que emitem mensagens de “acordo” e “desacordo” sem maiores comentários (Idem, p. 08).

Assim, o primeiro passo foi mapear as comunidades relacionadas ao tema³ e a partir da “convivência” nessas comunidades, – além daquelas das torcidas femininas de cada clube ou outras torcidas organizadas – pude estabelecer contatos com as que viriam a ser minhas fontes, geralmente os (as) donos (as) ou moderadores (as)⁴ de cada comunidade. Coloquei tópicos nas comunidades mais freqüentadas com informações a respeito da pesquisa e solicitei às pessoas interessadas em conversar que me adicionassem em seus programas de conversa em tempo real *MSN*. Também sugeri que deixassem mensagens em minha página pessoal do *Orkut* – isso me foi de grande ajuda.

Nesse ambiente existe certo conjunto de regras que, de forma geral, é válido para todo o ciberespaço e possui variações de acordo com o ambiente tratado. Uma das “regras universais”, por exemplo, o uso de caracteres em letra maiúscula significa que o usuário está “gritando”. Esse tipo de regra constitui o que se chama “*Netiqueta*”, uma sistematização dos códigos e regras mais comuns. Algumas comunidades do *Orkut* possuem moderação, ou seja, uma espécie de censura que determina quais usuários poderão postar tópicos e opiniões, bem como quais podem ser excluídos e por quais motivos. As regras de cada comunidade são determinadas por seu(s) moderador(es), e variam de acordo com o assunto do qual trata a comunidade. Nas comunidades de torcedoras a existência de regras geralmente é colocada na página inicial, com avisos como : “Existem regras importantes para acesso à comunidade. Ao entrar na Comunidade Mulheres que Amam Futebol, fica implícito que você leu e aceitou as regras e concorda com elas.”⁵

³ Os endereços das comunidades na internet, bem como de outras páginas utilizadas como referência neste trabalho, encontram-se nas referências bibliográficas

⁴ O dono de uma comunidade é aquele que a cria, modo a modificar as configurações (como a descrição e o nome), excluir membros, apagar tópicos de discussão, ou até mesmo autorizar a entrada de alguns membros – no caso das comunidades que requerem esse tipo de autorização.

⁵ Anúncio postado na página inicial da comunidade “Mulheres que amam Futebol”.

As regras geralmente se encontram em um *link* ou atalho, também na página inicial, e explicam quais serão os tipos de tópicos deletados (ofensivos, repetitivos, que fujam do assunto da comunidade etc.), quais as formas de punição dos membros, etc. Como se refere a comunidades voltadas para o público feminino do futebol, é comum existirem regras específicas ao muitos homens que se interessam pelas comunidades, como a que segue:

“Homens são bem-vindos, desde que não queiram ter o papel principal; isso pertence às mulheres, e desde que não queiram se sentir superiores. Pois estamos todos aqui pra discutir sobre a mesma coisa: futebol. Portanto, tópicos preconceituosos do tipo: “mulher não entende de futebol”, não serão permitidos e o dono do preconceito será expulso. Isso vale para mulheres preconceituosas também, pois não estamos aqui pra medir o nível de conhecimento futebolístico de ninguém.” (Comunidade “Mulheres que Amam Futebol”)

A partir da análise de comunidades do *Orkut*, esta autora pode perceber que o número de mulheres que expressa sua paixão pelo futebol é cada vez maior, provavelmente por encontrarem nesse espaço um *locus* seguro para essa expressão. Por meio de comunidades moderadas – ou seja, nas quais existe uma pessoa ou grupo de pessoas que controlam não apenas quem participa da comunidade, mas o teor das conversas – as mulheres puderam encontrar um lugar em que discutem futebol sem ser necessariamente alvo de desconfiança não apenas de homens, mas também de outras mulheres. É importante notar que por se tratar de um espaço para a socialização de um grupo já notoriamente estigmatizado, as regras tendem a ser mais rígidas, com o objetivo de, nesse espaço, haver liberdade e segurança de um ambiente “protegido” e livre de preconceitos. Muitas das entrevistadas ressaltam a importância da internet como meio de comunicação e informação sobre futebol:

“hj tu chega em qlqr lugar..digita dgamos..GRÊMIO..e vai aparecer td..tudo q tu quiser saber..tu pod fikar informada...com orkut..tds as comunidades..de futebol..tu ve q aumenta o nº d gurias discutindo e tal” (M., 17, torcedora do Grêmio de Football Porto Alegre).

“Eu mesma só entrei nessa de organizada por causa do orkut... eu sempre fui torcedora de arquibancada mas não tinha espaço pra entrar na torcida pq não conhecia ninguém e ficava sem graça... mas com o orkut, a gente acaba conhecendo meninas com os mesmos gostos, que participam, que vão aos estádios e ae a gente

acaba fazendo novo rol de amigos. (V., 35, torcedora do Clube de Regatas Flamengo e Membro da torcida organizada “Raça Rubro Negra”).

Além disso, o *Orkut* se tornou uma via de encontro que transcende a barreira do “mundo virtual” e passa para o real.

“[...] quando vou [ao estádio] sempre vou com um grupo de amigos Barangada e Anarquia. [...] saum grupo de amigos que se conheceraum em um tópico da Comunidade do São Paulo, tópico chamado Bate Papo, eu os conheci em dezembro do ano passado, alguns se conhecem a mais tempo, desse tópico saiu duas comunidade Anarquia Tricolor e Barangas Tricolores, acabou acontecendo um vínculo de amizade entre as comunidades e quando vamos ao Morumbi sempre vamos todos juntos”. (D., 18, torcedora do São Paulo Futebol Clube).

O depoimento de D. corrobora a idéia que o relacionamento se expande não apenas em outras comunidades, mas também na “vida real”, e cria uma teia de relações que vai além da sociabilidade básica da plataforma inicial. Isso se dá porque, como afirma Máximo, o conjunto de regras operante no ciberespaço não é inédito, mas são adaptações de formas de sociabilidade já conhecidas. A associação das formas de interagir com esse conjunto de códigos e regras é denominado cibercultura, que a autora define como “o conjunto de fenômenos culturais que acontecem no interior destes espaços ou que estejam relacionadas a ele” (*op.cit.*, p. 03).

As mulheres encontraram no mundo virtual uma maneira de tentar provar que elas não se encaixam apenas nos comuns estereótipos de “torcedora de modinha”, “maria- chuteira” ou “mulher-macho”, aquela que gosta de futebol e é vista como masculinizada e/ou homossexual este estereótipo mais freqüentemente é associado àquelas que jogam futebol O que o grupo deseja, na verdade, é uma forma de provar ao “mundo exterior”, que seu modo de ser está bem além dos grupos que freqüentam; o que acontece é que elas realmente gostam, se interessam, e entendem de futebol. Para essas mulheres, provar que seu interesse é verdadeiro abarca diversas dimensões, como questionamentos de nomes de jogadores, história do clube, esquemas táticos e, claro, sobre as regras do futebol propriamente ditas. Esses questionamentos vão desde o número de regras até esclarecimentos acerca delas; a mais comum é a respeito da regra do impedimento. Isto por conta da suposta incapacidade de abstração, por se

0124 - Lara Stahlberg

tratar de uma das regras “menos claras” do esporte, pois a maioria dos homens acredita que quem não joga não pode compreender o esporte, e nem as suas regras.

Muitas das entrevistadas afirmaram existir um grupo restrito de homens com os quais elas podem efetivamente discutir futebol, seja em uma mesa de bar, no trabalho, no colégio ou mesmo no estádio, pois, geralmente, suas opiniões não são respeitadas em círculos masculinos até que elas provem ser “merecedoras” de serem ouvidas. Aliás, é comum o fato de, se a mulher, estiver “ganhando” de um rapaz discussão sobre futebol, ele simplesmente tentar encerrar o argumento com afirmações como: “ah, mas desde quando mulher entende de futebol”. Entretanto, o comportamento dos homens em relação às mulheres não é homogêneo e muitos homens se recusam a aceitar ser machistas, acabando por dizer que respeitam as exceções (pois meninas que realmente se interessem e compreendam o futebol estão, para eles, longe de ser a regra). Uma maioria de rapazes vão ainda além e encerram o assunto com “as exceções não devem ser consideradas”; aliás, me foi confirmado pelas entrevistadas, a atitude masculina em relação às torcedoras e profissionais do esporte, é muito menos condescendente daquela que eles têm com os homens, especialmente em suas falhas.

Por outro lado, o *Orkut* também é uma forma para vincular outros tipos de idéias, como aquelas que ainda associam a mulher a objeto como: “Futebol, Pagode, Mulher e Cerveja”, ou “Futebol Mulher e Cerveja”; bem como comunidades que vinculam o preconceito contra a mulher dentro do futebol de qualquer maneira, seja como profissional ou torcedora. A emergência de comunidades como “Mulher não entende de futebol” ou “Mulher e FUTEBOL não combinam” comprovam isso e são vistas como formas de os homens “desabafarem” contra essa incômoda presença em um espaço que considerado exclusivamente deles. A descrição de uma destas comunidades é bastante explicativa:

“Se voce, homem, ta cansado de explicar pras mulheres o que eh impedimento toda vez q ta passanu jogo e ela aparece so pra da palpite, se voce tem q explicar pras mulheres porque tem um homem vestido de preto no meio do campo que nao chuta a bola , se voce fika puto qndo seu time ta perdenu e ainda eh obrigado a ouvir coisas do tipo "nossa ja ta perdenu?!". "esse time seu eh ruim hen"... esse eh o seu lugar. mulheres tbm sao bem vindas... mas nao pra comenta sobre futebol uhahuahuhauuha” (Comunidade Mulher e FUTEBOL não combinam).

0124 - Lara Stahlberg

O trecho final da descrição na qual se afirma que as mulheres são bem-vindas é bastante interessante, pelo fato de ressaltar que, apesar de voltado para o público masculino, meninas que concordem com essa posição também têm seu espaço em comunidades como esta. É talvez o único espaço em que as meninas que não concordam com essa “presença feminina” no futebol podem se expressar com um pouco mais de liberdade. Cito como exemplo uma mensagem postada na mesma comunidade acima mencionada:

“acho que todo mundo vai me detonar por eu ser a única mulher nessa comuna de cueca mas enfim, eu tb penso que mulher e futebol não combinam. pelo menos do jeito que todo mundo tá acostumado a ver. uma coisa que eu acho extremamente ridícula é o maldito futebol feminino. putamerda será que essas "mulheres" que jogam não vêem que futebol não é e nunca foi feito pra ser jogado por uma mulher????[...]” (J.).

Comentários como estes não são ao todo incomuns, principalmente porque são respaldados em comunidades como esta. O trecho mais “polêmico” e comentado do post é o que segue:

“O problema de muita mulher é sempre se meter onde não é chamada, aí vem com essa desculpa de feminismo, as mulheres conquistando espaço na sociedade. querem conquistar espaço conquistem, mas tenham bom senso. dança do ventre é coisa de mulher e homem nenhum nunca foi se meter lá então por que mulher quer se meter a jogar futebol???” (idem).

Isso mostra como as CMC's são mais uma maneira de se naturalizar e divulgar uma mentalidade hegemônica que decorre do próprio *ethos* da sociedade brasileira. Claro que é um tipo de comentário que gera reações por parte das mulheres que não concordam com esta posição, de modo que mesmo as mulheres que são alvo de preconceito participam destas comunidades com o intuito de criticar esta posição e gerar um debate. Curiosamente, muitos homens não crêem que este tipo de posicionamento seja preconceituoso. O próprio criador da comunidade “Mulher não entende de futebol” me disse que criar uma comunidade como esta “eh um bobagem ..um espaço pras pessoas falarem o que pensam; fazerem piadas, nao eh pra machucar e nem ofender ninguém”, justificando que na própria descrição da comunidade diz que existem mulheres que entendem de futebol, mas como são a massiva minoria, este

0124 - Lara Stahlberg

espaço era dedicado ao assunto, não havendo motivações machistas ou preconceituosas.

A grande maioria não busca estas comunidades para “se defenderem”, e só respondem quando este tipo de comentário lhes é proferido diretamente. A idéia é interessante, pois você não precisa necessariamente “entrar na briga” a todo o momento apenas por estar contra um ponto de vista no qual pessoalmente acredita. Sobre esta idéia a jornalista Soninha Francine comentou o seguinte:

“É um pouco não passar recibo, sabe? [...] Eu vou continuar fazendo o meu trabalho da melhor maneira possível. Porque se for um preconceito muito empedernido provavelmente não há nada que você possa fazer pra mudar ele.”

Não caíamos, portanto, no erro de acreditar que o ciberespaço foi apenas uma forma de avanço no modo de se relacionar e que possui frutos essencialmente positivos. Creio ser necessário lembrar que o *Orkut*, bem como diversas outras ferramentas, é hoje largamente utilizado por membros de torcidas, organizadas ou não, como uma forma de marcar encontros que visam o enfrentamento das torcidas. Mas é uma forma muito eficaz de propagar a violência que não é apenas verbal, mas também física e que pode ter conseqüências catastróficas, com um considerável número de feridos e até vítimas fatais em caso de enfrentamentos.

*Versão preliminar. Favor não citar.